



AMPLIANDO AUTOPERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES DA PERIFERIA ATRAVÉS DO MAPA AFETIVO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

PLINIO GLADSTONE DUARTE; RAIANE LÚCIA CRUZ DE OLIVEIRA TORRES;
MARIA VITORIA SOUTO MACHADO; NIELLEN JOYCE DO NASCIMENTO;
NATHALY M FERREIRA-NOVAES

RESUMO

Diante da vulnerabilidade que os adolescentes periféricos enfrentam, além das diversas transformações biológicas, psicológicas e sociais respectivas dessa fase, os trabalhos que amplie a autopercepção são importantes no enfrentamento as vulnerabilidades. Com isso, o objetivo é relatar como se deu uma intervenção reflexiva sobre os processos identitários, a autoestima, o autoconhecimento e a afetividade de adolescentes de uma Organização da Sociedade Civil através da construção do mapa afetivo. Para tanto, foram feitas observações participantes durante 4 encontros e a partir delas construídos mapas afetivos. Corroborando com os mesmos, ainda foram realizadas outras dinâmicas com o intuito de trabalhar o autoconhecimento e a autoestima. Foi notado que a intervenção ajudou a estabelecer maior vínculo de confiança com os jovens, permitiu o diálogo acerca dos sonhos, das qualidades e defeitos que acreditavam ter e foram propulsoras diálogos profundos e embasados nas diversas colocações realizadas pelos adolescentes. Os mesmos também pontuaram bastante em suas falas como defeitos: ansiedade, impaciência, timidez, não se achar bonito e não gostar de estudar. E trouxeram como qualidades: gostar de ler, ajudar os outros, se achar lindo, ser leal e ser educado como qualidades. Além disso, temas como: estar vivo, ter ambição e ser brincalhão foram elencados em ambas as categorias (qualidades e defeitos). Com isso, após a intervenção foi perceptível a importância do mapa afetivo na compreensão das subjetividades de cada um pelo qual foi possível trabalhar a elaboração da autoestima e autoconhecimento. Além disso, vimos que o uso de atividades como estas são significativas para o trabalho com adolescentes em situação de vulnerabilidade por tentar mostrar aos jovens um pouco mais que meras perspectivas remotas sobre seus futuros.

Palavras-chave: Vulnerabilidade; Organizações da Sociedade Civil; Autoconhecimento; Autoestima; Jovens periféricos.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase de diversas transformações biológicas, psicológicas e sociais, além de ser uma transição da infância para a vida adulta (OLIVEIRA *et al.*, 2020). Dentro desse período de mudanças, os contextos sociais se tornam fatores importantes para o desenvolvimento e vivência dos adolescentes. E nessa perspectiva, a falta de recursos sociais e a desigualdade corroboram para um estado vulnerabilidade que pode ser expresso por meio da violência, do tráfico de drogas ou até mesmo das fragilizações familiares e comunitárias (FAGUNDES; TATAGIBA, 2019; OLIVEIRA *et al.*, 2020).

Na busca de amenizar as vulnerabilidades vivenciadas em diversos locais se encontram as Organizações da Sociedade Civil (OSCs), as quais assumem um papel público sem fins

lucrativos e que não são mantidas nem por entidades estatais, nem privadas (SELAU; KOVALESKI; PAIM, 2021). E essas instituições são protagonistas no suporte a saúde, a educação e a proteção de crianças e adolescentes vulneráveis, situação essa que não só relaciona apenas com a renda, mas também com as relações afetivas e a desigualdade de acesso aos serviços públicos (OLIVEIRA *et al.*, 2020; SELAU; KOVALESKI; PAIM, 2021).

Nesse contexto de OSCs se encontra a Organização de Auxílio Fraternal (OAF) que em Recife, foi fundada em 07 de agosto de 1960, com o objetivo de atender e auxiliar pessoas de comunidades carentes. Dessa forma, existe a inclusão dos jovens periféricos e a OAF beneficia cerca de 351 deles, entre crianças e adolescentes, contribuindo na formação artística, educacional e cultural de cada um, diminuindo os riscos de vulnerabilidade social à marginalidade, às drogas e aos riscos, em geral.

No entanto, uma ressalva feita pelos profissionais da OAF é a baixa autoestima presente neles. E como pesquisas já demonstram, a violência social, a desigualdade social, o encarceramento e o desemprego geram essa baixa autoestima (FAGUNDES; TATAGIBA, 2019; OLIVEIRA *et al.*, 2020). Assim, é necessária a resistência política para transformar as formas de ver e ser, criando condições propícias para ir de encontro às forças de dominação e morte que tomam essas vidas, em especial das pessoas negras (JUNIOR; MELGAÇO, 2020). Assim, o objetivo dessa intervenção foi: facilitar a reflexão sobre os processos identitários, a autoestima, o autoconhecimento e a afetividade nos jovens de 12 a 15 anos da OAF através da construção do mapa afetivo.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O método utilizado durante 4 encontros foi a observação participante, o qual equivale, segundo Marietto (2018), a uma técnica de investigação social que o observador partilha das atividades, interesses e afetos de um grupo de pessoas. A partir dela, como ferramenta de intervenção, foi utilizada a construção de mapas afetivos, recurso esse que objetivou indicar como se revelam as lembranças e de que forma elas são transportadas para o papel em desenhos ou até mesmo nas falas, dos jovens que participaram da atividade.

Tendo em vista que, de acordo com Vetorassi (2020) existe uma ligação estreita entre memória e sentimento de identidade, no sentido de imagem de si, para si e para os outros. Assim, mapas afetivos são ferramentas metodológicas importantes capazes de captar as dimensões subjetivas espaciais e temporais dos agentes que estão vivenciando a intervenção. A fim de corroborar com a atividade supracitada, também foram realizadas outras dinâmicas com o intuito de trabalhar o autoconhecimento e autoestima. As quais consistiram na revelação de sonhos, enumeração de qualidades e defeitos e as discussões desenvolvidas sobre cada um deles. Por fim, foram construídos os mapas afetivos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Galvão (2020) além das mudanças próprias da adolescência, nessa fase também são colocadas expectativas conflitantes. Para além disso, muito pouco são os recursos subjetivos e sociais oferecidos para o jovem lidar com essas perspectivas. No entanto, essas tensões são totalmente aumentadas quando se refere ao contexto de jovens que vivem nas periferias e a grupos em geral que estão em vulnerabilidade. Essa pesquisadora também destaca pontos que potencializam a dificuldade de se ter perspectivas para o futuro, como: o quadro de precarização do trabalho, as insuficientes políticas governamentais, o contexto de fragilidade que envolve as relações com o outro e com o conhecimento.

Deste modo, acredita-se que uma das questões centrais a serem abordadas é a criação de novas subjetividades que não estejam incorridas pelo estigma, pela invisibilidade e pelo

medo que acompanham estes jovens periféricos. Ao mesmo tempo, defende-se que é preciso conhecer como estes jovens vivenciam suas subjetividades em seu cotidiano e como elas contribuem para possíveis reflexões sobre seus posicionamentos em suas vidas (JUNIOR; MELGAÇO, 2020). Por isso, que para Vetorassi (2020) os mapas afetivos são imprescindíveis, os depoimentos daqueles que os constroem, recriam o passado e o estado atual de seus cotidianos de acordo com elementos do tempo presente e das suas relações.

A intervenção ajudou a estabelecer maior vínculo de confiança com os jovens da OAF. Dessa forma, a maioria deles conseguiu revelar alguns sonhos no momento em que estavam se apresentando e todos elencaram qualidades e defeitos que acreditavam ter. A partir dessas atividades foram desenvolvidos diálogos profundos, embasados nas diversas colocações realizadas pelos adolescentes. Observamos que os mesmos pontuavam como defeitos: ansiedade, impaciência, timidez, não se achar bonito e não gostar de estudar. E se referiam a gostar de ler, ajudar os outros, se achar lindo, ser leal e ser educado como qualidades. Além disso, estar vivo, ter ambição e ser brincalhão foram elencados em ambas as categorias.

Após esses primeiros momentos, o sentimento de segurança foi melhor constituído, o que fez com que a atividade fosse desenvolvida de maneira mais fluida. Muitos conseguiram colocar os locais mais importantes para eles, entretanto, um caso em específico não tinha lugares e sim pessoas, e em outro caso existia fortemente a presença de sangue e violência. Contudo, percebeu-se a necessidade da flexibilização da atividade, pois existiram os que não conseguiram entender o que foi proposto e os que tiveram muita dificuldade em realizá-la.

4 CONCLUSÃO

É nítida a importância do mapa afetivo para o entendimento das subjetividades de cada um, o qual também incentiva a elaboração da autoestima e do autoconhecimento. Iniciativas assim podem propiciar um futuro melhor para a comunidade, por tentar mostrar aos jovens um pouco mais que meras perspectivas remotas sobre seus futuros. Não é fácil batalhar contra uma sociedade excludente, mas quando há busca pelas ferramentas adequadas é possível continuar a luta.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Yandra Raquel do Nascimento; FEITOSA, Maria Zelfa de Souza. A afetividade do agente comunitário de saúde no território: um estudo com os mapas afetivos. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 23, p. 813-822, 2018. Disponível em: <[SciELO - Saúde Pública - A afetividade do agente comunitário de saúde no território: um estudo com os mapas afetivos A afetividade do agente comunitário de saúde no território: um estudo com os mapas afetivos \(scielosp.org\)](#)>. Acesso em: 7 nov. 2022.

SELAU, Bruna Lima; KOVALESKI, Douglas Francisco; PAIM, Marina Bastos. Analyzing vulnerable children and adolescents' health promotion in a civil-society organization in Florianopolis-SC. **Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]**. v. 31, n. 3, p. 1-20, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310313>>. Acesso em: 03 dez. 2022.

SILVA, Silvia Heleny Gomes da; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz; COSTA, Otávio José Lemos. Paisagem, fotografia e mapas afetivos: Um diálogo entre a geografia cultural e a psicologia ambiental. **GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais**. v. 10, n. 21, p. 1-22, 2019. Disponível em: <[Microsoft Word - 1 Paisagem, fotografia e mapas afetivos.docx \(ufc.br\)](#)>. Acesso em: 7 nov. 2022.

VETTORASSI, Andréa. Mapas Afetivos: Reflexão sobre memórias e identidades temporais e espaciais. **Brazilian Journal of Development**. v. 6, n. 7, p. 52811-52828, 2020. Disponível em: <[View of Mapas Afetivos: Reflexão sobre memórias e identidades temporais e espaciais / Affective Maps: Reflection on temporal and spatial memories and identities \(brazilianjournals.com\)](#)>. Acesso em: 7 nov. 2022.

OLIVEIRA, Patrícia Carvalho de et al. “Sobrevivendo”: vulnerabilidade social vivenciada por adolescentes em uma periferia urbana. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]**. v. 24, p. 1-18, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/Interface.190813>>. Acesso em: 3 dez. 2022.